O Ano da Morte de Ricardo Reis
De José Saramago

. Personagens Relevantes

- Ricardo Reis: Heterónimo de Fernando Pessoa que se autonomiza, tornando-se uma figura independente no romance, mas mantendo as características do heterónimo (contemplativo, distante e dominado pela solidão). Contactando-se com o mundo através da leitura de jornais, Reis revela-se um observador da realidade ditatorial implantada no seu país.

- Fernando Pessoa: Motor dos acontecimentos (a sua morte desencadeia a ação); personagem histórica com natureza fantasmagórica que tece comentários irónicos sobre o contexto social de Ricardo Reis, a sua postura na vida e as temáticas da sua poesia; figura simbólica, inicialmente destituído da capacidade de ler, Pessoa imaterializa-se progressivamente.

- Lídia: Mulher do povo, criada de hotel, humilde, autêntica, real, distinguindo-se das outras personagens do romance, torna-se a amante de Ricardo Reis oposta às odes do poeta. Vivendo de forma completa a sua feminilidade, cedendo ao prazer do gozo do amor, Lídia é consciente e crítica, pois questiona o contexto social e político que a rodeia, rejeitando os códigos sociais.

- Marcenda: Jovem pertencente à alta sociedade, com a mão esquerda paralisada, oprimida pelo pai, assume uma atitude passiva perante o mundo, política e afetivamente, prefere não se entregar ao gozo do amor e assemelha-se às musas das odes de Ricardo Reis.

- Salvador: Gerente do Hotel Bragança, mostra-se em todas as ocasiões solícito, hospitaleiro, atento ao que se passa no hotel e procura manter a discrição para preservar a reputação do estabelecimento. É desconfiado e colabora com a PVDE.

- **Victor:** Agente da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) que é geralmente anunciado por um forte cheiro a cebola, é presença vigilante na vida de Ricardo Reis e procura incentivar a delação e colaboração com a PVDE.

. Outras Personagens

- Pimenta: Quem carrega as malas dos hóspedes no Hotel Bragança.

- Rámon, Felipe e Afonso: Empregados do restaurante do Hotel Bragança.

- Doutor Sampaio: Advogado, pai de Marcenda.

- **Vizinhas do 1º e 3º andar:** Velhas e cuscas sobre a vida de Ricardo Reis.

- **Velhos do banco:** Cuscam a vida de Ricardo Reis e interessam-se pelo jornal e seus temas.

- Daniel Martins: Meio-irmão de Lídia que morre no navio de guerra Afonso de Albuquerque ao tentar fugir para a Angra do Heroísmo com os seus colegas marinheiros e os navios Dão e Bartolomeu Dias.

- Lopes Ribeiro: Realizador do filme *A Revolução de Maio*, onde é gravada uma cena de rusga da polícia em que participam Victor e outros agentes.

. Resumo

- Capítulo I (págs. 7 - 31)

A narrativa inicia-se em **finais de dezembro de 1935**, num dia chuvoso, quando **Ricardo Reis**, acompanhado de um bagageiro, chega de barco (vapor inglês **Highland Brigade**) ao cais de **Alcântara**, em Lisboa, vindo do **Brasil** onde esteve os últimos 1**6 anos** a viver. Apanha um táxi até ao **Hotel Bragança**, que escolhe por estar mais perto do rio.

No hotel, regista-se com **médico**, natural do **Porto**, pede um quarto (**duzentos e um**) com **vista para o rio**. É um **quarto duplo** e Ricardo Reis pretende ocupá-lo por tempo indefinido. Arruma os seus pertences, entre eles os **textos dos seus poemas**, que guarda numa gaveta da secretária.

Desce pontualmente para o **jantar, às 8h.** Observa um casal, **pai e filha**, apercebendo-se que a **mão esquerda dela é imóvel**. Regressa ao quarto, onde se instala, confortavelmente, como se estivesse no lar que nunca esteve.

- Capítulo II (págs. 33 - 60)

Ricardo Reis vai cedo ao **Banco Comercial cambiar dinheiro inglês por escudos**. Passeia por Lisboa e **consulta os jornais, onde confirma a notícia da *"morte inesperada de Fernando Pessoa,*** *o poeta do Orfeu"*. Segue de elétrico ao **cemitério dos Prazeres** e visita o **jazigo onde o corpo de Fernando Pessoa** se encontra.

Panha um táxi para o Rossio e **almoça tardiamente nos Irmãos Unidos**. Segue a pé por Lisboa: **Praça da Figueira, Rua dos Douradores, Rua da Conceição** e encaminha.se para o hotel. No quarto, abre uma janela, senta-se na poltrona e toma consciência de que só naquela altura a sua viagem terminara realmente. A chuva recomeça e a **água alastra no chão encerado do quarto. Ricardo pede ajuda**. A **criada Lídia** sobe e limpa a água do pavimento. Ricardo escreve e **adormece no sofá**. Acorda, aborrecido por se ter deixado adormecer vestido. Desce. Consulta os jornais novamente: **demissão do governo espanhol, ataque da Itália à Etiópia**. Às 8h, janta, contando voltar a observar o casal que vira na véspera. Fica pesaroso por não o ver e sabe, pelo gerente, que são **pai e filha, de Coimbra, indo a Lisboa mensalmente para que Marcenda** possa ser observada por um médico, por causa da paralisia da mão. Ricardo Reis sobe ao quarto e relê os versos antes de se deitar.

- Capítulo III (págs. 61 - 92)

Lídia chega com o **pequeno-almoço às nove e meia e faz alusão à cheia no Cais do Sodré**. O narrador reflete sobre a simbologia do último dia do ano. Ricardo Reis resolve passear antes do almoço. A cidade parece deserta de tão sossegada, até que, subitamente, uma **multidão enche a rua**; é o **bodo de *O Século*. Cada pobre recebe dez escudos**. Ricardo Reis regressa à estátua de Camões, sentindo-se num *"labirinto"* que o conduz *"sempre ao mesmo lugar".* Depois do almoço, regressa ao hotel de táxi. Janta mais tarde, sozinho, apenas com o **criado, Rámon**.

Sobe ao quarto, mas arrepende-se, **voltando a sair**. Vai ao **Rossio** e as pessoas felicitam-se com a chegada da meia-noite. Ricardo Reis regressa ao hotel "*pouco passava da meia-noite e meia hora*". Ao entrar no quarto, **depara-se com Fernando Pessoa** no sofá, sentado. Enquanto morto, a sua imagem **não se reflete nos espelhos**, só é visível para quem quiser e tem conhecimento de tudo. Explica a Ricardo que tem ***"uns oito meses para circular à vontade"***. Ricardo Reis revela a sua **motivação para ter regressado a Portugal**: "*Fernando Pessoa falecer Stop Parto para Glasgow Stop Álvaro Campos, quando recebi este telegrama decidi regressar".* Para além desta razão, uma **revolução no Brasil impele-o a voltar**. Fazem votos de bom ano e despedem-se.

- Capítulo IV (págs. 93 - 110)

O narrador traça a situação política de Portugal sob um registo irónico e sempre sob a perspetiva dos "*jornais, de cá*" numa **alusão à manipulação da informação** por parte da ditadura. Ricardo Reis faz minuciosamente "*a sua leitura matinal das gazetas"* durante o pequeno-almoço, detendo-se na observação de um grande anúncio - o Freire Gravador.

Ricardo Reis **põe a mão no braço de Lídia** e ambos ficam nervosos. Sai para um passeio e sente que está numa teia, numa encruzilhada entre as ruas da cidade. Reflete sobre a **abertura de consultório**. Subitamente vê Fernando Pessoa. **Seguem ambos para o Terreiro do Paço, enquanto começa a chover**. Dias depois, quando **Lídia leva o pequeno-almoço** ao quarto de Ricardo, este declara-se a ela ***"Acho-a muito bonita"***. Passou o dia fora, envergonhado, regressou para jantar e voltou a sair. Ao regressar ao quarto, repara nas **duas almofadas, na cama**. Lídia entra no quarto, *"treme, só sabe dizer, Tenho frio".*

- Capítulo V (págs. 111 - 134)

Lídia entra no quarto de Ricardo Reis e **promete-lhe que irá nessa noite**, mas Ricardo deseja interiormente que não o faça, depois de "*três noites ativas*". Às oito e meia desce para jantar. Entretanto, em prolepse, **Lídia, enquanto passa a ferro o fato que Ricardo Reis levará ao teatro, deseja ir com ele**, embora saiba que tal nunca possa acontecer. Ao jantar**.**

No dia seguinte, Ricardo Reis **desce ao Chiado para comprar o bilhete para o teatro**. Passa a tarde nos **cafés**. Depois de voltar ao hotel para se vestir, janta no Rossio e assiste ao teatro. No intervalo, procura **"*fazer-se encontrado*" do pai de Marcenda, do Doutor Sampaio**. Apresenta-se, **conversam um pouco** no átrio. No segundo intervalo, **encontram-se os três.** No final, pai e filha seguem de táxi para o hotel e Ricardo Reis decide ir **observar o rio, no Terreiro do Paço.** Regressa ao hotel, **suborna Pimenta com uma nota de vinte escudos, receando que saiba da sua relação com Lídia**. Fernando Pessoa visita-o e **critica-o por se envolver com uma criada**. Mais tarde, **Lídia entra no quarto de Ricardo Reis e "*enfia-se na cama*".**

- Capítulo VI (págs. 135 - 158)

Sabendo que Marcenda regressará ao hotel depois do almoço, Ricardo Reis deixou-se estar na sala de estar, a ler os jornais. À tarde, conversa com a **jovem de 23 anos sobre a sua doença, o braço imóvel**. Ficara assim desde a morte da mãe. Entretanto, **Lídia, nervosa, serve-lhes café**. Marcenda confidencia a Ricardo que há **dois anos que vem a Lisboa** com o seu pai para ser observada por um médico, mas, na verdade, **o seu pai tem uma amante**, usando a sua doença como desculpa. Ricardo Reis insiste para que ela continue a ir a Lisboa. Terminada a conversa, recolhem-se ao seu quarto. Lídia indigna-se com Pimenta por causa das suas insinuações sobre pessoas que **"*andam pelos corredores a altas horas*"**.

Às oito da noite, **doutor Sampaio convida Ricardo Reis para o acompanhar ao jantar com Marcenda**. Servidos por Felipe e Ramón, conversam sobre a situação política. O doutor Sampaio, apoiante de Salazar, sugere a Ricardo a leitura do livro ***Conspiração***. Findo o jantar, Marcenda recolhe-se ao quarto com dores de cabeça e **Ricardo passeia um pouco por Lisboa** e regressa de táxi ao hotel. No quarto, observa que "***a segunda almofada não saíra do armário***".

- Capítulo VII (págs. 159 - 188)

Ricardo Reis dedica-se, recomendado pelo Dr. Sampaio, à leitura da *Conspiração*. Lê o livro no quarto enquanto, no exterior, chove. **Carlos, um universitário, foi preso no Aljube por andar metido em greves académicas, e Marília, filha do senador, vai mover influências para que ele saia.** Conclui-se que na "*atual solução corporativa*" tudo se resolve e que **greves e revoltas nada trazem de bom**.

O narrador faz um ponto de situação da vida política em Espanha, França e Alemanha. Discorre sobre o problema das colónias portuguesas e especula sobre o verdadeiro **significado do Quinto Império**, através de um diálogo imaginário entre Fernando Pessoa e Ricardo Reis.

Lídia chora quatro noites, abraçada ao travesseiro, ciumenta da atenção que Ricardo Reis dera a Marcenda. Na manhã do quinto dia, Lídia leva o pequeno-almoço ao quarto 201 e **nessa noite reencontra-se com Ricardo Reis**.

Salvador lê a Ricardo Reis o assassinato de António Mesquita, notícia de jornal, e este resolve-se a ir ao funeral.

Ricardo Reis e Fernando Pessoa encontram-se num café de bairro e conversam sobre a política espanhola. Ao regressar ao hotel, Ricardo **teme que a relação com Lídia tenha sido descoberta (mal suspeita que Pimenta a espalhara)**. Chegam três famílias espanholas ao hotel.

O Carnaval, em Lisboa, é chuvoso, de um "*entusiasmo triste*". É quase de noite e, cansado do triste espetáculo carnavalesco, regressa ao hotel, enquanto assiste **a uma paródia de morte**, que pensou tratar-se de Fernando Pessoa mascarado, como o mesmo tinha sugerido (ele de morte e Ricardo de domador de leões).

- Capítulo VIII (págs. 189 - 214)

Ricardo Reis **passa mal a noite** (doente com gripe e febre). Tenta ler um pouco do *The God of The Labyrinth.* De manhã, **Lídia toma conta dele, mima-o e dá-lhe atenções, assumindo o papel de responsável pela sua convalescença** ("*Nesse dia e no seguinte, Ricardo Reis não saiu do quarto*").

Na manhã de quarta feira, quando Marcenda chega**, Ricardo Reis recebe uma contrafé da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado**, pelas mãos de Salvador. É informado para se apresentar e prestar declarações. Ao descer para o jantar, todos o tratam com distanciamento. Lídia refere que o seu **meio-irmão, Daniel Martins, marinheiro de Afonso de Albuquerque, "*é contra a situação*"**, isto é, opõe-se ao regime de Salazar e sabe que os interrogatórios podem incluir torturas e castigos. Ricardo regressa ao quarto e pede que lhe seja servido o jantar, pois **não se sente confortável com os olhares incriminatórios de todos**. Escreve uns versos no quarto, quando **Marcenda lhe deixa um bilhete por debaixo da porta a marcar um encontro no Alto de Santa Catarina,** na tarde do dia seguinte. No dia marcado, Ricardo **almoça na Baixa, toma um café na Brasileira** e dirige-se para o local combinado, onde encontra **Fernando Pessoa**, que o **compara a D. João V por ser tão mulherengo**, revelando um intenso sarcasmo pelas suas opções amorosas.

Marcenda encontra-se com Ricardo e ambos combinam que este lhe **enviará uma carta a dizer como correu na Polícia.** Dois velhos comentam o encontro.

- Capítulo IX (págs. 215 - 240)

Quando Ricardo Reis **vai à polícia**, **o vento sopra muito forte**, como se refletisse a sua inquietação. Conduzido a um gabinete pelo **agente da polícia**, **Victor**, Ricardo é interrogado sobre de onde vem, o que faz, quem são os seus amigos, etc. No regresso ao hotel, de chuva, Salvador tenta perceber como decorreu o interrogatório, embora sabê-lo-ia por um conhecido que trabalha na PVDE, o **Victor**, já que Ricardo nada dirá. Sobe para o quarto depois do almoço e escreve a **Marcenda, contando-lhe as novidades** e mostrando interesse em procurar uma casa para ele e abrir consultório.

Ao final da tarde, Ricardo desce ao primeiro andar e conta a Salvador do interrogatório e, por indicação de **Victor**, **Salvador alerta todos no hotel para vigiarem Ricardo Reis**. Este passa algum tempo com **Lídia e confessa-lhe a sua admiração por ela e esta promete-lhe que não o abandonará.**

Nos dias seguintes, Ricardo Reis **procura casa** e encontra no jornal o anúncio do segundo andar na **Rua de Santa Catarina**, o mesmo prédio que vira quando se encontrara com Marcenda. Quando lá chega, encontra os **dois velhos** no banco a olhar para o rio e, já no seu apartamento, com a chave na mão, **observa o rio, os barcos, a estátua do Adamastor e os velhos no banco.**

- Capítulo X (págs. 241 - 265)

Ricardo Reis sai para comprar as roupas de cama, o material de cozinha e tudo o que é necessário para a casa nova e, no regresso, **escreve a Marcenda, indicando-lhe a sua nova morada**.

Já no hotel, **Lídia chora** ao saber que não verá mais Ricardo com a mesma frequência e, compromete-se a **ajudá-lo a cuidar da casa**. Ricardo Reis anuncia a Salvador que sairá do hotel no sábado seguinte e este insiste em saber a sua nova morada. Depois de acompanhar os dois carregadores até ao apartamento, Reis **observa a casa com detalhe**, as nuvens de chumbo, a estátua do Adamastor, etc. Sente necessidade de organizar a sua vida e **deita-se pouco antes das dez horas**. Pouco depois de se deitar, **Fernando Pessoa bate-lhe à porta e chega da rua, sem estar molhado**, falam da **solidão** e Ricardo Reis acaba por adormecer com Fernando Pessoa sentado, a observá-lo.

- Capítulo XI (págs. 267 - 291)

Ricardo Reis sai de manhã, vestido à pressa e mal arranjado, para **comprar fósforos**. No regresso, observa a estátua do Adamastor, deixando os velhos do banco inquietos, desconcentrando-os na leitura do jornal *O Século*. Depois de comer algo, sai, sem fazer a cama e passeia-se por Lisboa, onde acaba por **almoçar um bife no Chave de Ouro e ir, de seguida, ao cinema**.

Lídia visita Ricardo Reis, prometendo-lhe que regressará na sua folga, sexta seguinte, para fazer a limpeza da casa, que bem necessita. Beijam-se e Lídia informa-o que Marcenda chega no dia seguinte e **pergunta se quer lhe dê a sua nova morada, ao que Ricardo Reis nega**, ciente de que lha escrevera na carta. À saída, Lídia é observada pelas vizinhas do prédio.

Na manhã seguinte, Ricardo **acerta as entregas com a leiteira, o padeiro e o ardina**. **Marcenda visita-o e Ricardo Reis beija-a pela primeira vez** e ambos falam sobre os sentimentos mútuos e percebem que não se amam verdadeiramente, **apenas gostam um do outro**, falam também sobre o braço de Marcenda e sobre a insistência do pai na **ida a Fátima**. Depois de **beberem o chá**, Marcenda despede-se.

- Capítulo XII (págs. 293 - 319)

As vizinhas do primeiro e terceiro andar comentam a entrada das mulheres no segundo andar: "*mudou-se faz amanhã oito dias e já lá entraram duas mulheres*".

Lídia traz uma bata e faz grandes limpezas no apartamento e, enquanto, Ricardo Reis vai almoçar sozinho, pois **não ficaria bem ser visto com uma criada**, Lídia toma banho e, quando Ricardo Reis regressa, **deitam-se nus na cama**.

Na manhã de segunda-feira, Ricardo Reis escreve uma **extensa carta a Marcenda** e, à tarde, **procura e encontra um emprego como médico, uma substituição temporária de um especialista de coração e pulmões**. Entretanto, como Marcenda não respondera,

Ricardo **escreve-lhe nova carta, relatando-lhe o seu trabalho na policlínica**, mesmo perto do seu apartamento, na Praça Luís de Camões.

"*Lídia vem quase todos os seus dias de folga*". **Começa a primavera** e dos dias ficam melhores. O narrador reflete sobre os povos alemão e italiano, comparando-os aos portugueses. **Na Páscoa**, o governo manda distribuir pelo país um bodo geral.

Antes de entrar em casa, Ricardo Reis senta-se à luz do sol para ler os jornais. No outro banco, **os velhos conversam à espera que o jornal seja abandonado, para o lerem.** Quando entra em casa, Ricardo Reis, **abre uma carta que acabara de receber de Marcenda. Esta pede-lhe apenas a sua amizade**. Ricardo trabalha um pouco no escritório e sai para jantar, atravessa Lisboa de elétrico e **vai ao cemitério.**

- Capítulo XIII (págs. 321 - 345)

"*Fernando Pessoa apareceu duas noites depois*", **encontram-se junto ao Adamastor e conversam sobre os amores de Ricardo Reis e sobre a morte** e, como habitualmente, Fernando Pessoa é sarcástico. A caminho do apartamento, **encontram o agente Victor**. Já no apartamento, conversam sobre Salazar, "*o ditador português, o protetor, o pai, o professor, o poder manso*" e Ricardo Reis vai buscar os jornais **para que Fernando Pessoa se atualize** acerca das notícias da cidade, mais particularmente, a política. No dia seguinte de manhã, **Lídia vai ao apartamento** "*Bom dia senhor doutor*" e leva-lhe o pequeno-almoço e o jornal à cama. Ricardo Reis **convida Lídia a deitar-se** mas apercebe-se de uma **inesperada e súbita impotência da sua parte**, em pânico, decide ir tomar banho e, irritado, acaba por fazer com que **Lídia se sinta culpada por não saber o motivo do seu mau humor**.

Três dias depois, **Marcenda aparece no consultório de Ricardo Reis. Beijam-se novamente** e Ricardo Reis, num ímpeto, **pede Marcenda em casamento,** mas recebe um não: "*Não (…) Não seríamos felizes*".

- Capítulo XIV (págs. 347 - 378)

Marcenda envia **nova carta a Ricardo Reis**: "*foi grande imprudência visitá-lo, não voltará a acontecer, **nunca mais nos tornaremos a ver***". Irá a **Fátima**, para fazer a vontade do pai.

Festeja-se o início da vida pública de Salazar, há oito anos, e o seu aniversário, quarenta e sete, tantos quando Hitler. Terminou a guerra na Etiópia, anuncia Mussolini. Após estas notícias, **Ricardo Reis relê as suas odes.**

Lídia sente-se feliz, a sua cabeça repousando no braço direito de Ricardo Reis, ambos nus e suados, as vizinhas das varandas das traseiras comentam, e Ricardo Reis anuncia que **vai a Fátima** por curiosidade, e Lídia sugere que **poderá encontrar Marcenda**. **Ricardo Reis beija Lídia, fora da relação sexual, pela primeira vez**, depois de esta se ter levantada para ir passar a ferro.

No dia seguinte, Ricardo Reis parte para Fátima, de madrugada, **no comboio em primeira classe.** Na viagem adormece e **sonha que faz um milagre** a Marcenda, recuperando-lhe a mobilidade do braço esquerdo, e toda a multidão rodeia Ricardo Reis em transe. Em Fátima, rodeado de comerciantes e pedintes, **parte de camioneta para a Cova da Iria.** O percurso é "*um formigueiro de gente*" e, numa curva da estrada com uma multidão em volta, **Ricardo Reis assume-se como médico, sai do autocarro para ajudar, mas depara-se com um peregrino já morto.** Após chegar à Cova da Iria, **procura, em vão, Marcenda**, pois "*tudo parece absurdo a Ricardo Reis*", então, **por convite de um grupo de peregrinos dos lados de Abrantes**, passa a noite debaixo de um toldo, tapado com uma manta que comprara e, a meio da manhã do dia seguinte, parte para Lisboa.

- Capítulo XV (págs. 379 - 405)

Depois do regresso de Fátima, Ricardo Reis deixa-se **ficar em casa por três dias**. Passados esses três dias, a seguir ao almoço, leva consigo o jornal e senta-se à sombra do Adamastor. À tarde, já no consultório, chega uma carta, mas **não é de Marcenda**, **é do colega que Ricardo Reis está a substituir**, a dizer que agradece a sua substituição, mas que irá voltar ao trabalho, ficando assim **Ricardo Reis desempregado**.

Lídia não tem aparecido e "***Ricardo Reis anda a pensar em regressar ao Brasil***", pois não se revê no país em que Portugal se tornou após a sua partida. Um dia, Lídia chega um pouco retraída e Ricardo Reis conta-lhe da ida a Fátima, que **não houve milagre nem viu Marcenda** e, após ter feito a lida da casa, Ricardo Reis seduz Lídia.

"*Alguns dias depois foi a vez de Fernando Pessoa vir visitar Ricardo Reis*", mas vem com cuidados, pois **descobrira que algumas pessoas eram capazes de o ver**. Ricardo Reis mostra uns versos a Fernando Pessoa, fala-lhe de **Carlos Queirós**, vencedor do prémio literário desse ano**, sobrinho de Ofélia, ex-namorada de Fernando Pessoa**, de quem Ricardo lera ***O Desaparecido*** e acabam depois por conversar sobre os amores que ambos têm ou tiveram.

O governo decide fazer um **simulacro de bombardeamento** e Ricardo Reis resolve assistir e, passados alguns dias, quando Lídia regressa no seu **dia de folga**, conta-lhe todo o episódio.

- Capítulo XVI (págs. 407 - 432)

"***Entre os velhos e Ricardo Reis há familiaridade***", todos os dias leem e conversam, no banco junto ao Adamastor, sobre as "*notícias do quotidiano dramático e pitoresco*" do país escritas no jornal, pois, agora desempregado, Ricardo Reis levanta-se tarde, não toma o pequeno-almoço e vive cada vez mais desregrado. "***Lídia aparece agora com menos frequência***"

No 10 de junho, Ricardo Reis ouve uma salva de vinte e um tiros dos navios de guerra, nos degraus da estátua de Camões há flores e Fernando Pessoa, sentado num banco na praça de Luís de Camões, apercebe-se de que **não há nenhum poema na *Mensagem***

dedicado a Camões, "*Foi inveja, meu querido Pessoa*". Ricardo Reis **tenta escrever um poema a Marcenda**.

Dá-se um terramoto "*breve e brusco*" e "***Ricardo Reis e Lídia não se levantaram. Estavam nus***". **Lídia anuncia que pensa estar grávida,** pois está com 10 dias de atraso e Ricardo mostra-se alheado, **indiferente**: "*Pensas em deixar vir a criança, (…) Vou deixar vir o menino*" **Ricardo emociona-se** e Lídia acalma-o dizendo "*Se não quiser perfilar o menino, não faz mal*".

Fernando Pessoa visita Ricardo Reis. **Perde-se cada vez mais** facilmente, pelo que se orienta pela estátua de Camões. Conversam sobre as estátuas retiradas e Fernando Pessoa relembra que já **passaram sete meses desde que morrera**. Ricardo anuncia que vai ser pai, que está sem trabalho e sem vontade de o procurar, que a **sua vida "*passa-se entre a casa, o restaurante e um banco de jardim*"** e continuam o diálogo repleto de sarcasmo, até que Ricardo Reis refere os versos que escrevera a Marcenda, mas **Fernando Pessoa já os conhece**: ***"Como vê, sabemos tudo um do outro".***

Decreta-se a criação da Mocidade Portuguesa (MP). O filho de Lídia já poderá "*usar no cinto um S de servir e de Salazar, ou servir Salazar, portando duplo S, SS (..) Filho meu, diz Lídia a Ricardo Reis, não entra em semelhantes comédias."*

- Capítulo XVII (págs. 433 - 457)

Lopes Ribeiro, o realizador, filma uma cena de rusga da polícia, onde participam Victor e outros agentes, para o filme ***A Revolução de Maio***.

Ricardo Reis lê os jornais no banco com os velhos, embora agora estes comprem o jornal alternadamente, já não precisando da **caridade de Ricardo**, que continua a ter hábitos de sono menos regrados.

Dá-se o **golpe militar em Espanha**, *"Receia-se em Madrid um movimento revolucionário fascista. (…) O levantamento começou em Marrocos espanhol, e, ao que parece, é seu principal chefe o general Franco".* Já em Portugal, **aumentam os voluntários da Mocidade Portuguesa** (MP) e Miguel de Unamuno, reitor da Universidade de Salamanca, declara o seu apoio ao golpe fascista em Espanha.

Ricardo Reis e Lídia conversam sobre o que se passa em Espanha, **comparando a visão do médico com a do meio-irmão de Lídia.** Voltam também a conversar sobre a **decisão de *"deixar vir o menino"***, pelo que Ricardo Reis pede a Lídia **que pense bem**, ao que esta lhe responde *"Eu se calhar, não penso"* e com uma risada acabam por ter relações sexuais.

O calor assola Lisboa e, como Ricardo Reis espera ansiosamente conversar com Fernando Pessoa sobre a guerra civil espanhola que se aproxima do fim, **volta ao Cemitério dos Prazeres,** e encontra Fernando Pessoa ao seu lado, invisível e acabam por conversar sobre o tal golpe.

- Capítulo XVIII (págs. 459 - 478)

Ricardo Reis **compra uma telefonia, marca Pilot**, o que deixa Lídia alegre, pois poderá ouvir música, embora, na verdade, esteja mais preocupada com o **desleixo de Ricardo Reis**, no modo de vestir e na sua higiene pessoal. Conta-lhe que os espanhóis deixaram o hotel e, na telefonia, **ouve as notícias do bombardeamento de Badajoz e chora**. Ambos conversam sobre a **verdade das informações veiculadas pelos jornais** e Lídia diz que Daniel a avisara de que *"não se deve fazer sempre fé no que os jornais escrevem"* ao que Ricardo Reis lhe responde que **ela sempre lhe responde com as palavras do irmão**, pelo que ela retribui que **ele sempre lhe fala com as palavras dos jornais**.

Ricardo Reis sente-se cada vez **mais sozinho e pensa em Lídia**.

Badajoz rende-se e Ricardo Reis sabe através dos jornais e pela confirmação de Lídia, através do seu irmão, do fuzilamento de milicianos presos, na praça de touros de Badajoz, *"Foram mortos dois mil*". **Lídia chora na cozinha**, por **não saber o que faz em casa de Ricardo, se é sua criada, mulher-a-dias, ou sequer amante**, pelo que acaba por não saber se chora pelas mortes em Badajoz se por se **sentir inútil naquela casa**.

Os sindicatos nacionais anunciam a promoção de um comício contra o comunismo e Ricardo Reis vai cedo para a praça dos touros do **Campo Pequeno**, de táxi, para garantir lugar, pois "*As bancadas estão cheias"*, grita-se por Portugal e por Salazar. No fim, Ricardo regressa a casa a pé e promete a si mesmo não voltar a assistir a comícios.

Lídia não tem aparecido, a roupa suja acumula-se, o pó cai sobre os móveis. (…) Ricardo Reis ***nunca se sentiu tão só****. Dorme quase todo o dia".* Escreve uma **carta a Marcenda**, mas **rasga-a em pedacinhos pequenos** que lança por cima das grades do jardim, a altas horas da noite. Copia para "*uma folha de papel o seu poema, Saudoso já deste verão que vejo"* e **envia os versos a Marcenda** sem remetente, na esperança de que esta os leia e pense que se trate de uma carta de um admirador secreto.

- Capítulo XIX (págs. 479 - 494)

Lídia regressa a casa de Ricardo Reis, mas bate à porta, não fazendo uso da chave, e desculpa-se por não ter aparecido, observa Ricardo Reis e acha-o com um **ar envelhecido.** *"Lídia começa a chorar baixinho",* pois **Daniel participará numa revolta, em que os navios de guerra Afonso de Albuquerque, Dão e Bartolomeu Dias partirão para o mar**, *"a ideia é irem para a Angra do Heroísmo, libertar os presos políticos, tomar posse da ilha"* e esperar levantamentos no continente.

Devido à conversa com Lídia, Ricardo Reis **vai observar os navios de guerra, a partir do jardim** em frente do seu apartamento. Da outra banda surge "*um enorme dirigível, devia ser o Graf Zeppellin ou o Hindemburgo".* **Desce então para o Chiado para ver os barcos de perto** e aparece-lhe Victor, deixando-o sobressaltado pelo pedido de segredo de Lídia acerca da vontade do irmão. Regressa a casa e janta dois ovos mexidos rapidamente. De manhã, ouve acorda com o primeiro tiro, chega ao jardim e **observa o forte de Almada e o forte Alto do Duque a disparar contra os navios de guerra**. Às nove horas tudo termina

e Ricardo Reis entra em casa e atira-se para a cama desfeita a chorar. **Vai ao Hotel Bragança, Lídia não se encontra lá e deixa recado a Salvador para que ela o procure em sua casa.**

Nos jornais da tarde, Ricardo Reis, vê o nome do **irmão de Lídia na lista de marinheiros mortos** e conclui que ela deve estar à procura do corpo do irmão ou a chorar em casa de sua mãe.

Fernando Pessoa visita Ricardo Reis e anuncia-lhe que não o tornará a ver, pois **o seu tempo chegara ao fim**. Pegando no *The Godo f Labyrinth,* Ricardo Reis decide acompanhar Fernando Pessoa, pois não poderá valer a Lídia, nem o poderá ler ("*A leitura é a primeira virtude que se perde*").

"Então vamos, disse Fernando Pessoa, Vamos, disse Ricardo Reis".